

Nas primeiras décadas do século XIX, quando não havia ainda caminhos-de-ferro nem estradas, nem iluminação a gás nem estearina, nem divãs baixos de molas nem móveis sem verniz, nem jovens desiludidos de lunetas, nem mulheres filósofas liberais, nem as queridas damas das camélias tão propagadas nos nossos tempos — naquela época ingénuo em que, partindo de Moscovo para Petersburgo de carro ou de coche, se transportava na bagagem uma cozinha completa para refeições caseiras, se viajava oito dias seguidos por um caminho macio, poeirento ou lamacento e se acreditava em almôndegas à Pojárski, em sinetas de Valdai e em roscas de trigo; quando, nas longas tardes outonais, as velas de sebo se derretiam, alumando os círculos familiares de vinte ou trinta pessoas, e nos bailes as velas de cera e de espermacete se punham nos candelabros; quando os móveis eram dispostos simetricamente, quando os nossos pais eram ainda jovens não só porque não tinham rugas e cabelo grisalho, mas porque se batiam em duelo pelas mulheres e se precipitavam, do outro extremo da sala, para apanharem os lencinhos que caíam no chão inadvertida ou propositadamente; quando as nossas mães usavam cinturas curtas e mangas enormes, e resolviam os problemas da família tirando à sorte bilhetinhos; quando as encantadoras damas das camélias se escondiam da luz do dia — na época ingénuo das lojas maçónicas, dos adeptos de Martinez Pascalis, do Tugenbund, na época de Milorádovitch, Davídov, Púchkin, realizou-se no centro provincial de K. uma assembleia de proprietários rurais, em que as eleições da fidalguia estavam a chegar ao seu termo.

1

— Tanto me faz, nem que seja no átrio — dizia um jovem oficial, de peliça e de boné de hussardo, que acabara de sair do tremó e estava a entrar no melhor hotel da cidade de K.

— Chegou tanta gente, Excelência, tanta — dizia o criado do hotel, que já se tinha inteirado, com o impedido, de que o hussardo era o conde Turbin e, por isso, o tratava por «excelência». — A senhora de Afrémov e as filhas prometeram que partiam à noite: portanto, poderá ocupar o número onze, logo que ficar disponível — dizia ele, andando num passo suave à frente do conde pelo corredor e olhando para trás a cada instante.

No átrio, a uma mesa pequena junto ao enegrecido retrato de corpo inteiro do imperador Alexandre, estavam várias pessoas a beber champanhe — pelos vistos, fidalgos locais; um pouco afastados, viam-se alguns comerciantes em viagem, de peliças azuis.

Ao entrar, o conde chamou *Blucher*, um enorme molosso cinzento que viera com ele. Tirou o capote com a gola ainda coberta de geadas, pediu vodca e, em *arkhaluk*¹ de cetim azul, sentou-se à mesa e entrou na conversa dos senhores aí reunidos que, simpatizando de imediato com ele graças à sua aberta e magnífica aparência, lhe ofereceram um copo de champanhe. O conde começou por emborcar um copinho de vodca, depois pediu também uma garrafa para oferecer aos seus novos conhecidos. O cocheiro entrou com a intenção de pedir a gorjeta.

— Sachka! — gritou o conde. — Dá-lhe!

O cocheiro saiu com Sachka e depois voltou com o dinheiro na mão.

— Então, como é, vossência, meu senhor... parece que dei o meu melhor! Prometeu-me cinquenta copeques, mas ele só me dá vinte e cinco.

— Sachka! Dá-lhe um rublo!

Sachka baixou a fronte, olhou de soslaio para os pés do cocheiro.

— Chega para ele — disse em voz baixa —, também não tenho mais dinheiro.

O conde tirou da carteira as duas últimas notas de cinco rublos e deu uma ao cocheiro; este beijou-lhe a mão e saiu.

— Certo! — disse o conde —, os últimos cinco.

— É mesmo à hussarda, conde — disse, sorrindo, um dos fidalgos, oficial de cavalaria na reserva, a julgar pelo bigode, a voz e um certo desembaraço enérgico do andar. — Planeia ficar aqui algum tempo, conde?

— Tenho de arranjar dinheiro; senão, não ficava. Também não há quartos. C'os diabos, naquela maldita taberna...

— Desculpe, conde — redarguiu o oficial —, não quer instalar-se no meu quarto? Ocupo o número sete. Pode partilhar o quarto comigo, até ver; se não se importar, é claro. Fique connosco mais três dias. Hoje há baile em casa do decano da nobreza. Seria um grande prazer para ele!

— A sério, conde, fique connosco! — apoiou-o outro interlocutor, jovem bem-apeadoado. — Para quê tanta pressa? Essa coisa das eleições é só de três em três anos. Fique, pelo menos vê como são as nossas meninas!

— Sachka! Prepara a roupa: vou aos banhos — disse o conde, levantando-se. — Logo se vê: sim, talvez vá realmente visitar o decano.

Depois chamou o criado, falou com ele de qualquer coisa, respondendo este, com um sorriso, que «estava tudo nas mãos do homem», e saiu.

— Então, meu amigo, mando levar a minha mala para o seu quarto? — gritou o conde do outro lado da porta.

— Por favor, é uma honra para mim — respondeu o oficial, correndo até à porta. — É o número sete, não se esqueça!

Quando os passos do conde deixaram de se ouvir, o oficial de cavalaria voltou ao seu lugar, chegou-se muito perto de um funcionário público e, olhando-o na cara com os olhos sorridentes, disse-lhe:

— É este mesmo.

— Não!

— Acredita. É o tal hussardo duelista... o famoso Turbin. Reconheceu-me, posso apostar o que quiseres que me reconheceu. É natural: em Lebedian, quando fui arranjar cavalos para o regimento,

fizemos três semanas seguidas de ramboia, sem parar. Aconteceu lá uma certa peripécia... pois bem, fizemo-la juntos. Parece que gosta dessas coisas. Um rapaz valente, não é?

— É. E muito simpático! Não reparei em nada que... — respondeu o jovem bem-apegoado. — Entendemo-nos muito rapidamente... Não deve ter mais de vinte e cinco anos, hã?

— Parece, mas é mais velho. Mas é preciso saber quem é este senhor! Quem raptou a Migunova? Foi ele. Quem matou o Sáblin? Foi ele também. Atirou o Mátnev pela janela, agarrando-o pelos pés, ganhou trezentos mil ao príncipe Nésterov. Uma cabeça arrojada, este homem! Um jogador inveterado, espadachim, sedutor; mas uma alma hussarda, a sério. Nós temos esta fama, é verdade, mas será que alguém percebe o que significa ser um verdadeiro hussardo? Ah, belos tempos!

O oficial de cavalaria contou ao seu interlocutor sobre uma pândega com o conde em Lebedian, pândega essa que não só nunca acontecera como nem sequer poderia ter acontecido. Em primeiro lugar porque nunca tinha visto o conde anteriormente e passara à reserva dois anos antes de o conde ter entrado ao serviço; em segundo, porque era um daqueles oficiais que nunca tinha servido na cavalaria e não passara, durante quatro anos, de um modesto *junker* do regimento de Beliov e, ao ser promovido a alferes, saíra para a reserva. Deve no entanto precisar-se que, dez anos antes, depois de receber uma herança, foi efectivamente a Lebedian e, depois de ter esbanjado setecentos rublos num bródio com os oficiais que estavam ali a arranjar os cavalos, encomendara para si uma farda de ulano com lapelas cor de laranja, tendo intenção de entrar na cavalaria. O desejo de se tornar ulano e os três dias passados em Lebedian em companhia dos oficiais ficaram na sua memória como o mais luminoso e feliz período da sua vida, pelo que, primeiro, transferiu o desejo para a realidade e, depois, para a recordação, ficando a acreditar firmemente no seu passado de oficial de cavalaria, o que, graças à sua honestidade e cordialidade, não o impedia de ser um homem verdadeiramente honrado.

— Pois é, quem não serviu na cavalaria nunca nos vai compreender. — Escarranchou-se na cadeira e, espetando o queixo pa-

ra a frente, começou a falar em voz de baixo. — Às vezes, vou ao longo do esquadrão, o cavalo é um diabo de cavalo, aos saltos, aos saltos; galhardia, pronto! O comandante do esquadrão vai ao pé de mim: «Tenente, diz ele, palavra de honra... sem o senhor, nada feito... Leve o esquadrão como deve ser na revista.» E eu — sim, meu comandante! Viro a cabeça, desato aos gritos para os bigodas das dos meus rapazes. Ah, diabos, que tempos!

O conde voltou dos banhos, com a cara vermelha e o cabelo molhado, e foi directamente para o número sete, em que já estava o oficial da cavalaria, de roupão e cachimbo, a reflectir com deleite e algum medo sobre a sorte que lhe calhara: partilhar o quarto com o famoso Turbin. «Mas como será», passava-lhe aos relances pela cabeça, «se ele, de repente, se lembrar de me despir, de me levar todo nu para fora de portas e me deixar na neve, ou... se me sujar com alcatrão, ou simplesmente... Não, um camarada não faz isso...», acalmava-se.

— Sachka, dá de comer ao *Blucher*! — gritou o conde.

Entrou Sachka que, depois da viagem, já bebera o seu copo de vodca e estava bastante tocado.

— Não aguentaste, canalha, já te emborrachaste!... Dá de comer ao *Blucher*!

— Não morre sem isso: irra, que o bicho está bem cevado! — respondeu Sachka, acariciando o cão.

— Caluda! Vai, dá-lhe de comer.

— Para o senhor só o cão é que importa, mas um homem nem um copinho pode beber, começa logo a atazaná-lo.

— Eh, olha que levas! — gritou o conde com uma voz que fez tremer os vidros das janelas, e o próprio oficial sentir medo.

— Podia antes perguntar se o Sachka já comeu hoje alguma coisa. Está bem, bata-me, se o cão é mais valioso para si do que um cristão — continuou Sachka. Mas logo a seguir recebeu na cara um murro tão pavoroso que caiu, bateu com a cabeça na divisória e, agarrando o nariz com a mão, correu para fora e deixou-se cair em cima da arca no corredor.

— Partiu-me os dentes — resmungava Sachka, limpando com uma mão o nariz ensanguentado e coçando com a outra as costas de *Blucher* que estava a lamber os beiços — , partiu-me os dentes,